

## Intrigas e questões domésticas em *Atos de André* Intrigues and domestic issues in *Acts of Andrew*

Tiago Abdalla T. Neto<sup>1</sup>  
Renato Cunha Silva<sup>2</sup>  
Anderson dos Santos Antonio<sup>3</sup>

### RESUMO

A obra *Atos de André*, produzida provavelmente no século II EC, apresenta uma série de eventos e situações domésticas que supostamente ocorreram durante o ministério do apóstolo André na cidade de Patras. O presente artigo analisa de que forma esse livro nos revela aspectos importantes da cultura popular da Roma antiga, especialmente da época de sua produção. Observa-se como o grupo subalterno responsável pela obra de nuances encratitas busca redefinir e inverter certos conceitos estabelecidos pela elite da sociedade romana. Um desses conceitos se relaciona com a ideia de família, vista em *Atos de André* não como uma relação marcada por laços de sangue, mas por pessoas que fazem parte do mesmo grupo religioso identificado com um líder específico, neste caso o suposto apóstolo André. A natureza do casamento também é redefinida, não mais como algo bom, exaltado por filósofos e líderes políticos de Roma, mas como uma relação maligna que mancha a dignidade do indivíduo. As relações entre senhores e escravos variavam, desde um profundo afeto entre ambos até ações caprichosas e violentas de senhores contra seus servos, que poderiam culminar na morte destes.

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia (Faculdade Teológica Sul Americana, 2006), Mestre em Teologia e Exposição do Antigo Testamento (Th.M., Seminário Bíblico Palavra da Vida, 2012) e Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bolsista da CAPES. E-mail: tatn84@hotmail.com.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pela UMESSP. Atualmente é Mestrando em Ciências da Religião também pela UMESSP. Bolsista da CAPES. E-mail: renato.cunha81@gmail.com.

<sup>3</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Messiânica (2013). Atualmente é Mestrando em Ciências da Religião pela UMESSP. E-mail: ads.adsantonio25@gmail.com.

Por fim, a obra revela um enredo bem construído com jogos de palavras e diversos temas e alusões bíblicos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Atos de André; vida doméstica; cultura popular; Império Romano.

### **ABSTRACT**

The work Acts of Andrew, probably produced in the second century EC, presents a series of events and domestic situations that supposedly occurred during the ministry of the apostle Andrew in the city of Patras. This article analyzes how this book reveals important aspects of popular culture in ancient Rome, especially at the time of its production. It is observed how the subaltern group responsible for the work with encratites nuances seeks to redefine and reverse certain concepts established by the Roman elite. One of these concepts relates to the idea of family, seen in the Acts of Andrew not as a relationship marked by blood ties, but by people who are part of the same religious group identified with a specific leader, in this case the alleged apostle Andrew. The nature of marriage is also redefined, no longer as something good, exalted by philosophers and political leaders of Rome, but as an evil relation that blemish the dignity of the individual. Relations between masters and slaves varied from a deep affection between the two to arbitrary and violent actions of masters against their servants, which could culminate in their death. Finally, the work reveals a well-constructed storyline with puns and various biblical themes and allusions.

### **KEYWORDS**

Acts of Andrew; domestic life; popular culture; Roman Empire

## **Introdução**

A figura de André atraiu a atenção da antiga devoção cristã, em especial, por seu título de *prōtoklētos*, o primeiro dos apóstolos a ser chamado para seguir a Cristo no relato do Evangelho de João (1.35-41), bem como por sua participação no círculo dos quatro principais discípulos, aparecendo sempre entre os quatro primeiros apóstolos nas listas dos

Sinóticos e de Atos, junto com seu irmão Pedro e os dois filhos de Zebedeu (ver as listas em Mt 10.2-4; Mc 3.16-19; Lc 6.13-16; At 1.13)<sup>4</sup>. Como resultado da popularidade desse apóstolo, produziu-se uma narrativa lendária sobre seus atos e seu suposto martírio em Patras<sup>5</sup>, na antiga província da Acaia, atual Grécia.

Apesar das informações históricas questionáveis sobre o apóstolo e da rejeição da obra pela ortodoxia da igreja antiga<sup>6</sup>, os *Atos de André* (AA) nos revelam aspectos significativos da cultura popular no antigo mundo romano, em especial da época em que o texto foi produzido. Assim, nosso propósito nesta pesquisa é analisar aspectos da vida doméstica apresentados nessa obra do século II EC a fim de descobrir algumas características dos relacionamentos e conflitos familiares do chamado “homem comum” da Roma Antiga<sup>7</sup>.

Para esse fim, buscaremos lidar com algumas perguntas norteadoras. Como eram os relacionamentos na esfera doméstica do antigo mundo romano? De que forma se desenvolvia o convívio dos cônjuges e

<sup>4</sup> PIÑERO, Antonio; DEL CERRO, Gonzalo. *Hechos apócrifos de los apóstoles: Hechos de Andrés, Juan y Pedro*. Madrid: BAC, 2004. p. 109. Ao alegar a apostolicidade de sua sé no Sínodo de 861, Inácio, patriarca de Constantinopla, declarou estar em posse do trono do apóstolo João e de “André, que foi o primeiro a ser chamado apóstolo” (ver DVORNIK, Francis. *The idea of apostolicity in Byzantium and the legend of the apostle Andrew*. Cambridge, United States: Harvard University Press, 1958. p. 238-9 [itálico acrescentado]).

<sup>5</sup> KNIGHT III, George W. Andrew, the apostle. In: ELWELL, W. A.; BEITZEL, B. J. (orgs.). *Baker encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids: Baker, 1988. p. 87; NIXON, R. E. Andrew. In: WISEMAN, D. J. et al. (orgs.). *New Bible dictionary*. 3. ed. Leicester: InterVarsity, 1996. p. 36. Questiona-se bastante a confiabilidade dessa informação sobre a morte de André, em especial porque outras fontes, como Eusébio de Cesareia, não confirmam Patras como local do suposto martírio do apóstolo (ver DVORNIK, *The idea of apostolicity in Byzantium and the legend of the apostle Andrew*, p. 211-4; CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. (orgs.). *The Oxford dictionary of the Christian Church*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 60).

<sup>6</sup> Eusébio de Cesareia, por exemplo, classificou essa obra com outros Atos Apócrifos como “ficções de homens heréticos” (ver EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. posição 1736-44 [edição kindle]).

<sup>7</sup> “Homem comum” ou *ordinary man* é uma expressão cunhada por Robert Knapp: “Por ‘homem comum’ eu me refiro a toda pessoa livre abaixo da elite e acima do trabalhador diarista pobre ou camponês” (KNAPP, Robert. *Invisible romans: prostitutes, outlaws, slaves, gladiators, ordinary men and women ... the romans that history forgot*. London: Profile Books, 2011. p. 5)

como as expressões subalternas do cristianismo afetaram esses relacionamentos? De que maneira o texto apócrifo em nossa análise inverte os valores relacionados ao casamento e à família no mundo romano? Como o próprio texto de AA redefine o conceito de família? De que maneira senhores e escravos se relacionavam? Era possível haver influência não só das classes sociais altas sobre as mais baixas, mas também na direção oposta, das mais baixas sobre as mais altas? O que podemos aprender sobre os locais de reunião do antigo cristianismo?

### Local e data de composição dos *Atos de André*

Há bastante discussão sobre o local e a data em que o texto de AA foi produzido. No início do século XX, J. Flamion<sup>8</sup> defendeu que a data da obra seria a segunda metade do século III devido a ideias presentes em AA associadas ao neoplatonismo, escola filosófica que surgiu aproximadamente nessa mesma época<sup>9</sup>. Dvornik segue a proposta de Flamion, observando que o silêncio de Orígenes sobre o suposto ministério e martírio de André em Patras sugere uma data posterior para essa tradição que relaciona o apóstolo com a Acaia, pois Orígenes esteve duas vezes na Acaia (c.a. 230 EC e c.a. 240 EC) e relaciona o ministério de André com a Cítia, sem fazer menção alguma à região grega<sup>10</sup>. A conclusão de Dvornik é que o texto de AA foi produzido somente na segunda metade do século III<sup>11</sup>.

No entanto, essa tese de Flamion tem sido questionada mais recentemente com base na pesquisa de Gilles Quispel, que publicou um artigo

<sup>8</sup> FLAMION, J. *Les Actes apocryphes de l'apôtre André*. Louvain: Université de Louvain, 1911. p. 267-8.

<sup>9</sup> WILDBERG, Christian. Neoplatonism. In: ZALTA, Edward N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. s.l.: 2016. Disponível em <http://plato.stanford.edu/entries/neoplatonism/>. Acesso em Outubro de 2016; KELLY, J. N. D. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 15-6.

<sup>10</sup> DVORNIK, *The idea of apostolicity in Byzantium and the legend of the apostle Andrew*, p. 211-2.

<sup>11</sup> Ver também JAMES, Montague Rodes. *The apocryphal New Testament being the apocryphal Gospels, Acts, Epistles and Apocalypses*. Oxford: Clarendon, 1924. p. 337-8.

logo após a aquisição de um trecho em copta de AA em papiro pela biblioteca de sua Universidade (Utrecht University)<sup>12</sup>. Quispel identifica uma forte relação entre os AA e as ideias do gnosticismo do século II, especialmente no contraste entre conhecimento e ignorância (16.2; 41; 56.2; 62.5)<sup>13</sup> e entre a natureza espiritual/celestial, que há de ser salva (16.2; 38.1,2 [φύσις σωζομένη]; 40.1,2)<sup>14</sup>, e a natureza física/terrena dos miseráveis (47.2; 56–57; 62.1-5)<sup>15</sup>. Ele também demonstra a dependência dos Atos de Paulo (190-200 EC) em relação aos Atos de André, em que ambos contêm cenas muito semelhantes (e.g., o relacionamento de Tecla com Paulo remete ao relacionamento de Maximila com André, em especial a visita de cada uma a um dos apóstolos na prisão)<sup>16</sup>.

Outra razão para datar os AA no século II, entre os anos 140 e 200, é a forte relação da linguagem e de temas do texto de AA com o encratismo, como a pregação da abstinência de relações sexuais e o desprezo pelos bens terrenos<sup>17</sup>. Visto que a seita encratita floresceu durante o reinado de Adriano (117-138), é possível postular um *terminus a quo* por volta de 140 e um *terminus ad quem* cerca de 190 (*Atos de Paulo*)<sup>18</sup>.

Em relação ao local de produção da obra, a hipótese mais provável parece ser a própria região da Acaia, onde o enredo da narrativa se desenrola. Piñero e Del Cerro mencionam a Síria e o Egito<sup>19</sup> como outras possibilidades, mas acabam reconhecendo que “a única realidade é que

<sup>12</sup> QUISPEL, Gilles. An unknown fragment of the Acts of Andrew. *Vigiliae Christianae*, v. 10, n. 3, 1956, p. 129-148.

<sup>13</sup> Utilizamos neste artigo a numeração do texto crítico de PIÑERO e DEL CERRO, *Hechos apócrifos de los apóstoles*.

<sup>14</sup> Ver também o Papiro Copta de Utrecht N. 1, p. 13,14.

<sup>15</sup> QUISPEL, An unknown fragment of the Acts of Andrew, p. 142-144. Ver também ELLIOTT, J. K. (ed.). *The Apocryphal New Testament: a collection of Apocryphal Christian Literature in an English translation based on M. R. James*. Clarendon: Oxford University Press, 1993. p. 236.

<sup>16</sup> Ver a síntese em PIÑERO; DEL CERRO, *Hechos apócrifos de los apóstoles*, p. 141-142; QUISPEL, An unknown fragment of the Acts of Andrew, p. 145-147.

<sup>17</sup> A respeito das ideias encratitas, ver PIÑERO; DEL CERRO, *Hechos apócrifos de los apóstoles*, p. 32-36.

<sup>18</sup> HORNSCHUH, M. The Acts of Andrew. In: HENNECKE, E. (org.). *New Testament Apocrypha*. London: SCM, 1974. p. 396.

<sup>19</sup> Ver também ELLIOTT, *The Apocryphal New Testament*, p. 235.

esses Atos giram em torno de sua [do apóstolo] tumba, situada em Patras, lugar tradicional de seu martírio”<sup>20</sup>.

A observação de Dvornik de que a relação de André com a Acaia era desconhecida por autores antigos da igreja, como Orígenes e Eusébio, que situavam a missão do apóstolo na Cítia<sup>21</sup>, parece favorecer a redação de algum indivíduo da própria região para vincular um apóstolo à Acaia<sup>22</sup>. Além disso, os nomes dos personagens são quase todos gregos (e.g., Lesbio, Egeates, Euclía etc.)<sup>23</sup>. A boa redação do autor e seu grande conhecimento da língua grega<sup>24</sup> são outros fatores que parecem favorecer a produção dos AA na Acaia, talvez em Patras.

### **Da chegada de Estratocles à chegada de Egeates: relações entre servos e senhores e a redefinição do conceito de família**

O texto de AA começa com uma cena no Pretório<sup>25</sup>, residência de Egeates, autoridade oficial em Patras. Seu irmão Estratocles acabara de chegar da Itália, o que gerou grande alvoroço<sup>26</sup> daqueles que viviam e

<sup>20</sup> PIÑERO; DEL CERRO, *Hechos apócrifos de los apóstoles*, p. 144.

<sup>21</sup> DVORNIK, *The idea of apostolicity in Byzantium and the legend of the apostle Andrew*, p. 211-2.

<sup>22</sup> FLAMION, *Les Actes apocryphes de l'apôtre André*, p. 267.

<sup>23</sup> HORNSCHUH, *The Acts of Andrew*, p. 397; PIÑERO; DEL CERRO, *Hechos apócrifos de los apóstoles*, p. 143.

<sup>24</sup> PIÑERO; DEL CERRO, *Hechos apócrifos de los apóstoles*, p. 143.

<sup>25</sup> Há discussão se a menção ao Pretório em AA tem o sentido básico de casa do procônsul romano da província da Acaia. Ver PIÑERO; DEL CERRO, *Hechos apócrifos de los apóstoles*, p. 143. Para aqueles que veem um equívoco do autor de AA, esse fato indicaria que a redação do texto tem origem em local distinto de Patras. Ver RODMAN, Rosamond C. Who's on third? Reading Acts of Andrew as a rhetoric of resistance. *Semeia*, n. 79., 1997, p. 30.

<sup>26</sup> O termo θόρυβος pode indicar o tumulto causado por uma multidão enfurecida (At 21.34), bem como o lamento coletivo pelo falecimento de uma pessoa (Mc 5.38). Aqui, o “alvoroço” no Pretório é causado pela chegada de alguém importante. Ver BAUER, W.; ARNDT, W.; GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature: a translation and adaptation of the fourth revised and augmented edition of Walter Bauer's Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schrift en des Neuen Testaments und der ubrigen urchristlichen Literatur*. Chicago: University of Chicago, 1979. p. 363; LIDDELL,

trabalhavam no Pretório. Enquanto realizava suas tarefas oficiais, Estratocles se depara com uma cena que o deixa perplexo e aflito: um de seus servos, muito estimado pelo senhor, estava paralisado em um monte de esterco, e a razão para isso, segundo os AA, é que ele se encontrava endemoninhado (2.1). A reação de Estratocles é descrita como “golpeava o rosto no auge de sua perturbação a tal ponto que dava pena vê-lo” (2.2).

Maximila, esposa de Egeates e cunhada de Estratocles, tenta acalmar este anunciando-lhe a possível ajuda de “um homem muito piedoso que pode não somente expulsar os demônios, mas também curar qualquer enfermidade” (2.2). Ifidama, serva de Maximila, também tenta acalmar Estratocles. Enquanto isso, o “homem muito piedoso”, o apóstolo André, aparece em cena entrando no pretório e se dirigindo, por suposta intuição sobrenatural, até o lugar em que estava Alcmán, o servo “endemoninhado”, agora não mais parado, porém, se retorcendo e espumando (3.1-3). Nos capítulos 4 e 5, há, de certa forma, a vindicação no texto do poder sobrenatural de André, em que o apóstolo se distingue dos “magos” (μάγοι), que não são ouvidos por Deus (5.1) nem são capazes de expulsar demônios, por serem “congêneres” (συγγενεῖς) destes (4.2). No confronto, André expulsa o demônio do servo Alcmán e este volta à “sã consciência” (σωφρονῶν, 5.2).

Nessa parte inicial do texto, vemos claramente uma relação de afeto entre um “senhor” (δεσπότης) e seu “servo” (παῖς), ou escravo. Estratocles se preocupa profundamente com a situação de Alcmán, precisando ser impedido de “cometer uma fatalidade no auge de sua dor” (2.2) – uma expressão que talvez indique a intenção de suicídio do senhor<sup>27</sup>. Estratocles prefere a própria morte no mar a ver Alcmán endemoninhado e diz que não conseguiria viver sem este (2.1)<sup>28</sup>. Percebe-se também a

Henry George; SCOTT, George. *A Greek-English lexicon*. New York: American Book, 1897. p. 680.

<sup>27</sup> Ver nota de rodapé 4 em PIÑERO; DEL CERRO, *Hechos apócrifos de los apóstoles*, p. 159.

<sup>28</sup> É difícil definir o que significa “δίχα τούτου ζῆν” (2.1). O relacionamento entre Estratocles e Alcmán iria além do mero apreço do senhor por um servo de confiança? O texto não deixa claro essa questão, mas parece que Estratocles ainda não era casado, talvez não sendo ainda um ἀνὴρ (o “homem” em plenas condições de assumir a herança da família e o casamento – ver RODRIGUES, Nuno Simões; FERREIRA, Luísa N. Tornar-se adulto na Antiguidade clássica: normas, práticas e representações.

liberdade de acesso que escravos tinham a seus senhores, seja na conversa de Alcmán com Estratocles (5.2), seja na intervenção de Ifidama na situação de desespero do senhor (2.2).

Na continuidade do relato, Estratocles se converte (caps. 7; 8) em fiel seguidor do cristianismo encratita proclamado por “André”, assim como Maximila e Ifidama haviam feito. No capítulo 10, há a informação de Alcmán tomara a mesma decisão que seu senhor e, “uma vez curado, não se apartava mais da fé” (10.1). O movimento religioso ligado aos AA é retratado como alcançando classes sociais distintas, membros da aristocracia (Maximila e Estratocles) e escravos (Ifidama e Alcmán) fazem parte do mesmo grupo que “se fortalecia em Cristo”, “dava graças” e buscava o “selo no Senhor” (τῆς ἐν κυρίῳ σφραγίδος) (10.1). Chama a atenção a arte retórica do autor que redefine o conceito de ἀδελφός – o termo grego havia sido usado para retratar a relação de sangue entre Estratocles e Egeates (1.1), mas agora é aplicado a todo o grupo (“muitos outros irmãos”) que se reúne ao redor de André (10.1). Surge um novo conceito de família, caracterizado pela ligação religiosa do indivíduo<sup>29</sup>, podendo este ser “congênera” (συγγενής) – “parente” ou “familiar”<sup>30</sup> ou “congênito”<sup>31</sup> – “da luz” (11.1) e “das palavras” de André (10.1) ou “dos demônios” (5.1) e “dos poderes maus” (11.1). Enquanto os personagens que seguem André constituem o primeiro tipo de pessoa, os “magos” (5.1) e, mais à frente, Egeates (13.2; 16.1) constituem o segundo tipo.

No capítulo 13, há uma cena doméstica que chama a atenção do leitor e revela como funcionavam as reuniões de grupos subalternos do cristianismo no século II. O grupo liderado por André está reunido, no “dia do Senhor”, na casa de Maximila (o pretório), mulher da elite de Patras, quando Egeates – marido de Maximila e “blasfemo radical” (6.1)

In: António Castro Fonseca (ed.). *Jovens adultos*. Coimbra: Almedina, 2014. p. 92-4). Segundo Craig Keener, havia três formas de um homem obter alívio sexual antes do casamento tardio no mundo Greco-romano: por meio de uma escrava, de uma prostituta ou de outro homem (ver KEENER, Craig. *The IVP Bible background commentary*: New Testament. 2. ed. Downers Grove: InterVarsity, 2014. p. 428).

<sup>29</sup> Ver esta redefinição da ideia de família já presente nos Evangelhos Canônicos: Mateus 12.46-50; Marcos 3.31-35; Lucas 8.19-21.

<sup>30</sup> BAUER; ARNDT; GINGRICH; DANKER, *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*, p. 772.

<sup>31</sup> LIDDELL; SCOTT, *A Greek-English lexicon*, p. 1443.



– retorna de viagem ao pretório. Ao saber da notícia, Maximila fica aflita pela possível reação do marido ao ver tanta gente em “seu quarto” (κοιτών, 13.1). André ora para que os “irmãos” ali reunidos consigam escapar de ser vistos por Egeates, o “leão furioso que está armado contra nós” (13.2). Em uma cena cômica, o procônsul sente dor de barriga e pede para que lhe tragam uma latrina móvel, onde “permaneceu muito tempo sentado tentando aliviar-se” (13.3), o que proporcionou a todos a oportunidade de escapar. Vemos aqui um pequeno grupo religioso reunido na casa de alguém com condições para abrigar o culto dessa comunidade, algo muito semelhante ao que encontramos no cristianismo do século I, em que membros abastados hospedavam igrejas em suas casas (cf. At 12.12; 16.40; Rm 16.3-5)

Ao chegar em casa, Egeates deseja ter relações com sua esposa Maximila. No capítulo 14, vemos os conflitos entre o ascetismo do cristianismo encratita e a moral do casamento no mundo romano, em que era perfeitamente digno o relacionamento sexual entre os cônjuges e se buscava a geração de uma prole legítima entre as classes sociais altas, especialmente a equestre<sup>32</sup>. Maximila, em sua oração, pede a Deus que a livre da “imunda relação carnal com Egeates”, guardando-a pura e casta (14.2). Quando Egeates tenta beijá-la, sua esposa lhe diz que não era lícito que a boca de um homem tocasse a boca de uma mulher depois da oração (14.2).

Na oração de André em favor Maximila, em AA 16, vemos a base encratita e protognóstica para a abstinência sexual de Maximila no matrimônio: Egeates é insolente e congênere da serpente, uma imagem para o diabo na literatura cristã primitiva (cf. 2Co 11.3; Ap 12.9). Em vez de ter uma relação física com o esposo, Maximila deve casar-se com o “homem interior”, que é conhecido (γνωρίζω) por Jesus Cristo (16.2). A linguagem é claramente encratita, ao repudiar a relação física, e gnóstica, ao enfatizar o conhecimento e o aspecto espiritual e imaterial, isto é, o homem interior. Há, também, nos AA, assim como nos demais Atos Apócrifos, uma tentativa de desmoralizar o casamento na Roma antiga, que determinava a *dignitas* de um homem de classe social elevada, bem

<sup>32</sup> JACOBS, Andrew S. A family affair: marriage, class and ethics in the Apocryphal Acts of the Apostles. *Journal of Early Christian Studies*, v. 7, n. 1, 1999, p. 109-118.

como subverter a sublimidade do ambiente em que o relacionamento conjugal se desenrolava, o quarto.

Muitos dos usos figurados de “parceria” ou *κοινωνία* manifestados como uma ética conjugal na literatura clássica são subvertidos nos *Atos* e substituídos por modelos mais amplos de “relação familiar”, *συγγένεια*, procedendo da autoridade do apóstolo. Os *Atos de André*, por exemplo, distorcem a “procriação” filosoficamente benéfica louvada por Plutarco: enquanto Plutarco havia transformado o quarto em uma “escola de ética”, o autor de *Atos de André* transforma o quarto da heroína, Maximila, em um local de reunião cristã. [...] Depois que todos eles [os cristãos] partiram, Egeates corre para o quarto e tenta torná-lo, novamente, um local da união conjugal. As palavras de Egeates [cap. 14] à sua esposa talvez venham da *Coniugalia praecepta*. [...] Maximila resiste e, logo que Egeates dorme, ela manda uma mensagem a André para se encontrarem em “outro quarto”. Grande parte dessa seção de *Atos de André* ocorre em vários quartos do pretório proconsular em Patras; tanto os discursos carinhosos de Egeates a sua esposa quanto os sermões de André a seus “irmãos” deixam claro que o *locus* da *koinōnia* conjugal está sendo ativamente transformado em um lugar de *syngeneia* sagrada. Embora André e Maximila descrevam os desejos de Egeates como “intercurso imundo” e como “um corrupto e sórdido modo de vida”, Egeates alude à configuração ética do casamento encontrada na literatura filosófica e romântica. Sexo para Egeates representa uma união elevada [...] <sup>33</sup>.

Se, no mundo da cultura popular romana, “o casamento é algo bom [...]”. Esposas devem ser fiéis, disponíveis e atraentes”<sup>34</sup>, os *AA* invertem essa visão ao descrever o casamento como algo detestável e ao narrar uma heroína da história resistindo aos apelos e súplicas de seu marido para que tenham relações sexuais. Maximila é uma esposa nada “disponível”, e a união conjugal é tratada por ela como uma “imunda relação carnal” (14.2).

<sup>33</sup> JACOBS, A family affair, p. 127-8.

<sup>34</sup> KNAPP, *Invisible romans*, p. 14.

### **Euclía disfarçada de Maximila: relações conjugais imundas, adultério legitimado**

Ao buscar meios de evitar as relações físicas com seu marido, Maximila persuadiu Euclía, uma escrava muito formosa a cumprir as obrigações matrimoniais da senhora, deitando-se com Egeates<sup>35</sup>, em troca de favores e riquezas, pois a ama queria manter-se casta (17.1,2). Contudo essa decisão foi ocultada de André, vindo a ser revelada posteriormente através de um sonho (19.2). No relato de Euclía, o autor pretende demonstrar a convicção de Maximila quanto à sua castidade incondicional.

Embora Egeates não percebesse que as relações eram com sua escrava, em vez de com sua mulher, para os romanos “aceitava-se como natural que um homem mantivesse relações com mulheres [...], o patrão com seus escravos e escravas”<sup>36</sup>. A pressuposição de “que os escravos estariam sexualmente disponíveis a qualquer momento e em qualquer lugar era quase universal, portanto, eles deveriam ter isso em mente para suas próprias vidas”<sup>37</sup>. Assim, entende-se que, embora da perspectiva da ortodoxia cristã isso fosse escandaloso e inaceitável<sup>38</sup>, o narrador de AA, em sua simplicidade, considera o evento natural da perspectiva da cultura em que vivia.

Oito meses depois, Euclía solicitou de sua senhora a liberdade, e prontamente sua esta lhe concedeu. Após alguns dias, Euclía pediu uma grande quantidade de dinheiro a Maximila, ela também atendeu sem demora. Tempos depois, a escrava solicitou algumas de suas joias e vestes, sendo mais uma vez atendida pela ama, que a advertiu que não contasse a ninguém. Contudo a escrava tornou público a seus companheiros com certa petulância e orgulho sua conduta na casa de Maximila (18.1). Seus colegas repudiavam sua atitude, mas ela ostentava seus presentes,

<sup>35</sup> Na Bíblia há cenas semelhantes nas histórias de Abraão (Gn 16) e de Jacó (Gn 30).

<sup>36</sup> FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 107.

<sup>37</sup> KNAPP, *Invisible romans*, p. 137.

<sup>38</sup> “Todo esse assunto é silenciado no relato de Gregório. R. Soder (p. 146) refere-se ao caso de uma escrava deitar-se na cama com seu senhor como uma questão de romances helenísticos. Ele conhecia a história pelo relato de Evódio, pois ainda não tinha descoberto o fragmento.” (PIÑERO; DEL CERRO, *Hechos apócrifos de los apóstoles*, p. 177, nota 68).

expondo sua senhora ao ridículo ao declarar que havia se deitado como esposa do procônsul.

Maximila manteve sua trama oculta a André e aos irmãos, contudo o apóstolo, tendo recebido uma revelação em sonho, descobriu que havia algo errado na casa do procônsul (19.1-2). Alguns dos criados sabendo da rotina da senhora e dos horários em que participava das reuniões cristãs tentavam extorqui-la, como se fosse uma estranha, planejando inclusive tornar conhecido ao procônsul todo o escândalo (20.1-2).

Os servos do procônsul que haviam lutado a favor dela dirigiram-se a sua senhora com palavras de adulação, esperando receber algo por terem sido fiéis a ela (21.1). Maximila concordou em retribuí-los pela benfeitoria que lhe haviam feito, concedendo o pagamento que considerava justo e recomendou que o assunto se mantivesse em absoluto sigilo (20.1,2). Após terem recebido e jurado silêncio, “guiados por seu pai, o diabo (21.2)”, procuraram o Procônsul e revelaram a ele tudo o que sua senhora temia e havia advertido que não contassem a seu senhor – o uso de uma criada em seu lugar nas relações com o marido, o dinheiro que haviam recebido de sua senhora e como Euclía havia exposto o caso a todos os criados (21.2).

O procônsul, ao tomar conhecimento de tudo o que havia acontecido, interrogou a criada Euclía para se inteirar de toda a verdade, que, submetida a tormentos, confessou tudo o que tinha recebido de sua senhora em troca de seu silêncio. Indignado com a infidelidade da criada em ter exposto Maximila a seus companheiros – pois queria que ela silenciasse todo o assunto diante do ocorrido, pelo carinho que tinha por sua esposa – mandou cortar a língua da criada, amputar os pés e mãos e, depois de alguns dias sem alimentos, foi lançada aos cães (22.1-2). E todos os outros criados que contaram ao procônsul o que havia ocorrido receberam como punição a crucificação (22.2).

Chama a atenção a agressividade de Egeates contra Euclía, revelando o outro lado do relacionamento entre senhores e servos: o abuso que os donos poderiam cometer contra seus escravos. Como Mary Beard observa, embora alguns escravos se tornassem, eventualmente, livres, “a penalidade por agredir um escravo era estabelecida como a metade da penalidade por agredir um homem livre, enquanto *um escravo poderia ser punido com a própria vida por uma ofensa pela qual cidadãos livres*

*pagariam com nada mais que um açoitamento*<sup>39</sup>. Robert Knapp cita diversos exemplos de abusos praticados por senhores contra seus escravos, como açoitamentos e confinamentos recorrentes, marcas no corpo feitas com tição e outras punições. Ele diz:

Escravos poderiam ser açoitados no curso normal das coisas, e de fato o eram, fosse para encorajar o bom comportamento, fosse para punir o mau – ou simplesmente como fruto da ira, frustração ou sadismo [do senhor]. Não havia, na prática, nenhum controle sobre o poder do senhor de cometer abusos físicos fora de toda proporção contra qualquer ato [de seus escravos]<sup>40</sup>.

Portanto, os atos terríveis de Egeates refletem os caprichos e abusos de senhores praticados contra seus escravos ao longo do antigo Império Romano.

Mesmo o procônsul ficando profundamente desapontado com a trama de Maximila, tendo perdido o apetite e chorando muito, foi até ela e, abraçando seus pés, disse-lhe que a perdoaria, pois estavam juntos havia doze anos e ela também havia suportado toda a insensatez dele, além de prometer perdão caso ela houvesse se apaixonado por outro homem (23.1-2).

Contudo Maximila disse ao procônsul Egeates de seu amor a Deus e que não havia nada nesse mundo que a atraísse (23.3). Mesmo tendo perdido o equilíbrio emocional e psíquico, o procônsul não se atreveu a fazer nada contra Maximila por pertencer a uma família muito mais ilustre que a sua (24.1). Aqui, vemos como o relacionamento familiar era afetado pelas relações de *status* que dominavam a sociedade romana.

### **Prisão de André e seus discursos no cárcere: apelos aos congêneres para serem fiéis**

Em certa ocasião, caminhando com Estratocles (seu irmão), Egeates desabafou sua profunda angústia por ver sua esposa amada em estado

<sup>39</sup> BEARD, Mary. *S.P.Q.R.: a history of ancient Rome*. London: Profile Books, 2015. p. 143 (itálico acrescentado).

<sup>40</sup> KNAPP, *Invisible romans*, p. 134.

de loucura (24.1). Um dos criados lhe contou em segredo que tanto Maximila quanto Estratocles professavam a mesma fé em um único Deus (25). No relato, o escravo deixa entrever a influência que Ifidama, a escrava, teve sobre Maximila, sua senhora, levando-a a conhecer André e a participar de seu grupo religioso (25.2). Aqui, temos a inversão do que seria a expectativa natural em uma sociedade de classes: a escrava influenciando as escolhas religiosas de sua proprietária.

Enquanto andavam nas ruas, o escravo viu André e o reconheceu como a causa dos dissabores ocorridos na casa de Egeates. Ao conduzi-lo ao procônsul, seu senhor o identificou como aquele que havia curado sua esposa Maximila e não aceitara recompensa alguma pela benfeitoria (26.1-2). Logo Egeates ordenou a prisão de André, alegando que em troca dos favores feitos a Maximila, ele receberia um tratamento calamitoso (26.3).

Egeates conta à sua esposa Maximila, que estava com Ifidama “comendo pão com azeitonas”, sobre a prisão de André – a quem ela considerava seu tutor espiritual –, afirmando que ele não escaparia de severas punições (27.1). Contudo, Maximila lhe respondeu afirmando sua confiança de que seu verdadeiro mestre não poderia ser capturado, tampouco detido.

Depois de visitar André na prisão (28–29), Ifidama testemunhou tudo o que havia vivenciado no encontro com André: a forma como ele se alegrou e glorificou a Deus mesmo estando detido em uma prisão (30.1). Quando Maximila recebeu as notícias que Ifidama trouxe do apóstolo ela se alegrou em espírito e agradeceu ao Senhor: “Glória a ti, Senhor, porque vou voltar a ver teu apóstolo sem temor. Pois ainda que uma multidão inteira tentasse me impedir de vê-lo, não conseguiria pela confiança que teu servo tem em Deus” (30.2).

Sabendo da astúcia de Maximila, o procônsul advertiu severamente ao carcereiro responsável que não abrisse as portas a ninguém, nem mesmo para o próprio Egeates, caso contrário responderia com sua própria vida. Ordenou a outros quatro soldados que fossem responsáveis pela segurança de Maximila e que a vigiassem minuciosamente em todo e qualquer lugar (31.1). Maximila, após um período de intensa oração com Ifidama, em que haviam pedido que o Senhor as livrasse de todo mal, resolveu ir ao encontro de seu líder espiritual, André. Na entrada da prisão

encontrou um anjo em forma humana (32.1), que as encorajou a entrarem para encontrar com André, que já as aguardava havia algum tempo.

Passados alguns dias, o procônsul relembrou de todo o ocorrido e de como Maximila sua esposa o tratava a despeito de ele ter sido escolhido pelos pais dela para ser seu esposo (cap. 35). Assim, propôs a ela escolher entre duas opções: assumir uma relação integral na condição de esposa, disposta a amar e a se submeter às exigências impostas a ela como sua esposa ou abandoná-lo (cap. 36). Aqui, Egeates propõe a Maximila viver conforme os ideais romanos para um casamento, em especial o ideal do amor conjugal em tratados filosóficos (e.g., Plutarco) e novelas<sup>41</sup>, ou o divórcio, que, apesar de não ser ideal, era “possível e aceitável”<sup>42</sup>.

Os capítulos 42–45 descrevem a relação próxima entre André e Estratocles, narrando o choro escandaloso de Estratocles por saber que André está condenado à morte, mas o apóstolo diz a Estratocles que este tem encontrado “repouso” em André (43). Estratocles responde com palavras que revelam a forte ligação entre ambos, dizendo que as palavras do apóstolo foram “disparadas contra mim, cada uma delas me atinge incendiando-me e ardendo em mim” (44). André responde com apreço, chamando Estratocles de “filho meu” e dizendo que seria entregue à morte por Egeates.

É possível identificar nesses capítulos a forma corrente no cristianismo primitivo encratita de se tratar os discípulos, ou os que faziam parte da igreja, em que predomina o cuidado e a aproximação do líder principal com o discípulo. Há um paralelo entre Atos de André e Atos dos Apóstolos: Estratocles chora muito e se entristece com a situação de André; o mesmo ocorre em Atos dos Apóstolos 20.37-38, quando os anciãos de Éfeso ouvem que não mais veriam o rosto de Paulo: “houve grande pranto entre todos, e, abraçando afetuosamente a Paulo, o beijavam” (At 20.31 [ARA]).

As palavras de André levam Maximila a ter uma atitude radical, abandonando, sem vacilar, “todas as obras da carne” (46.1). Quando seu marido quis ter relações com ela, Maximila recusou, o que levou Egeates

<sup>41</sup> Ver JACOBS, A family affair: marriage, class and ethics in the Apocryphal Acts of the Apostles, p. 105-138.

<sup>42</sup> KNAPP, *Invisible romans*, p. 11.

a planejar a morte de André por crucificação (46.1-2). Nesta intriga doméstica entre Maximila e Egeates, vemos, novamente, o ideal ascético do encratismo em AA, em oposição ao modelo romano proclamado oficialmente pelo império e por fontes literárias da época, em que a castidade envolvia a união física dos cônjuges, em vez de total abstinência.

Depois de o apóstolo ter sido preso, Maximila é guiada pelo Senhor até o local da prisão, que aparece com o semblante de André, talvez uma das polimorfias de Cristo, um evento semelhante ao de Tecla, quando é condenada à morte na fogueira e vê o Senhor entre os espectadores com o aspecto de Paulo (*Atos de Paulo e Tecla* 20). De forma semelhante, Jesus se deixa ver por um casal de noivos sob a aparência de Tomé em *Atos de Tomé* 11<sup>43</sup>.

Em um de seus discursos da prisão, André fala sobre a busca pelas coisas passageiras em detrimento das que são duradouras e que são felizes os que ouvem as palavras de sua pregação, que apontam para os mistérios sobre a natureza do homem e da criação de todas as coisas (47.1-2). Também incentiva seus “filhos queridos” a ficarem firmes em quem tinham crido, edificados e enraizados sobre o fundamento, com base nas obras que viram André realizar (grandes prodígios) (48.1-2)<sup>44</sup>.

André é descrito como um homem que faz sinais e prodígios, sendo poderoso em palavras, e é tirado desta vida passageira como um malfeitor, ou um homem mau, porém, isso acontecerá com todos os que amam a Jesus (49.1). O escritor busca atribuir ao apóstolo as mesmas qualidades de Jesus no Evangelho de Lucas, que era poderoso em palavras e obras (Lc 24.19), além de usar a figura do Servo Sofredor de Isaías 53 como modelo para sua descrição do martírio de André.

Em 51.1, o texto apresenta uma cena que tem várias semelhanças com outras fontes literárias e pode ser um rito de iniciação em AA: o candidato consegue uma reunião noturna particular com o apóstolo. Neste sentido, a reunião de André e os discípulos é semelhante às reuniões de Jesus e Nicodemos (João 3.1,2) ou às de Jesus e um jovem (Evangelho Secreto de Marcos 3.45).

<sup>43</sup> PIÑERO; DEL CERRO, *Hechos apócrifos de los apóstoles*, p. 207, nota 134.

<sup>44</sup> Aqui, encontramos várias alusões à Epístola aos Efésios 3.17.



André é condenado à morte por Egeates, que o acusa de “inimigo da minha casa”, pois corrompeu Maximila, que agora só tem prazer em André e seu Deus (51.1). Há de certo modo uma acusação semelhante contra Paulo em *Atos de Paulo*, pois “Tecla o ouvia sem mover-se”. Egeates ordena que açoitem André e não quebrem as pernas dele (51.2), o que parece um tipo de tradição que narra o martírio com base na crucificação de Jesus (Jo 19.32-34), em que o justo é morto por um ímpio.

André, mesmo crucificado, faz algumas exortações, enfatizando a busca nas coisas que são de cima, e não nos prazeres presentes; os que amam os prazeres são semelhantes a ladrões, escravos da ignorância (56.2), e têm a mesma natureza que a noite. Ainda acrescenta: “se os vossos êxitos externos os fazem felizes, sois em verdade miseráveis. Se o resto das vossas riquezas os arrasta como se fosse posse sua, que seu caráter efêmero lhe jogue na cara” (56.3). Novamente, está presente um dualismo entre o bem e o mal, entre a matéria e o espírito, e entre dois tipos de pessoa, o que revela traços de um protognosticismo e de um desprezo pelos bens terrenos, característica do encratismo.

O discurso de André durou três dias e três noites sem que o apóstolo se cansasse, mas, no quarto dia, o povo, ao ver a sabedoria do mártir, revoltou-se contra o procônsul, que ficou com medo e disse que soltaria o bem-aventurado André (59–62). A possibilidade de ser solto atormenta André a ponto de dizer que é uma vergonha ser entregue ao diabo (62). A tradição montanista pode ter influenciado a narrativa de André de que não se pode fugir do martírio, embora essa disposição de se entregar ao martírio já esteja presente em Inácio de Antioquia: “Sou trigo de Deus, e os dentes das feras hão de me moer para que eu seja oferecido como pão limpo de Cristo” (Inácio, *Aos Romanos* 4.1).

O último suspiro de André expressa as mesmas palavras de Jesus: “Senhor, entrego meu espírito” (cf. Lc 23.4). Após a morte do apóstolo, Egeates tenta reatar os laços com Maximila, mas ela prefere se separar do marido “por amor a Cristo”, o que resulta no suicídio de Egeates (63-64).

O procônsul segue o arquétipo do líder tirânico, inescrutável, implacável e com uma vontade insaciável. Northrop Frye afirma que, na forma mais concentrada da paródia demoníaca, tanto o líder tirânico quanto o

*pharmakos* se tornam a mesma pessoa (p. 278)<sup>45</sup>. Vemos isso ocorrer com Egeates que, depois de matar André por vingança pelo ocorrido com sua esposa e cometer atrocidades contra seus escravos, acaba ele mesmo se suicidando. A relação erótica demoníaca também está presente aqui<sup>46</sup>, em que a feroz paixão de Egeates por Maximila não se concretiza. Apesar de ela ser desejada, nunca mais é possuída pelo marido.

### Conclusão

O texto de AA nos apresenta vários dados importantes para compreendermos o homem comum do mundo romano, bem como o movimento religioso ao qual o autor de AA fazia parte.

Observamos que o movimento do cristianismo encratita tendia a redefinir o conceito de família (“irmãos”; “congêneres”) não mais de acordo com os laços de sangue e aspectos sociais, mas de acordo com a nova comunidade que se formava em torno de um importante líder, o qual chamava seus discípulos de “filhos”. O ideal de casamento proclamado pelo império e por fontes literárias representantes da elite da época descreviam o casamento como algo excelente, uma relação de profundo apreço entre os cônjuges, a ser buscado por homens honrados da elite. O autor de AA inverte todo esse esquema da visão da elite e retrata a união conjugal como maligna e imunda, cuja heroína é uma mulher que não se mostra nada disponível a seu marido, o procônsul Egeates.

As relações entre senhores e escravos assumiam diversas formas, desde o trato afetuoso e preocupado de Estratocles por Alcmán, em especial quando este se encontra “possesso”, até os abusos terríveis de Egeates contra Euclía, tratando-a como inferior a um animal, e contra os demais escravos, que sofrem em suas mãos a morte mais vergonhosa no império: a crucificação.

Por fim, deve-se notar que AA está repleto de jogos de palavras (como “irmão”, “descanso”, “marido”, “luz” e “trevas” etc.) e contém um enredo que chama a atenção por sua trama bem construída e por

<sup>45</sup> FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 278.

<sup>46</sup> FRYE, *Anatomia da crítica*, p. 279.

seguir temas e alusões da literatura cristã antiga, remetendo a cenas conhecidas por leitores familiarizados, em especial, com o mundo bíblico.

### Referências

- BAUER, W.; ARNDT, W.; GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*: a translation and adaption of the fourth revised and augmented edition of Walter Bauer's Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schrift en des Neuen Testaments und der ubrigen urchristlichen Literatur. Chicago: University of Chicago Press, 1979.
- BEARD, Mary. *S.P.Q.R.: a history of Ancient Rome*. London: Profile Books, 2015.
- DVORNIK, Francis. *The idea of apostolicity in Byzantium and the legend of the apostle Andrew*. Cambridge, United States: Harvard University Press, 1958.
- CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. (orgs.). *The Oxford dictionary of the Christian Church*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- ELLIOTT, J. K. (ed.). *The Apocryphal New Testament: a collection of Apocryphal Christian Literature in an English translation based on M. R. James*. Clarendon: Oxford University Press, 1993.
- ELWELL, W. A.; BEITZEL, B. J. (orgs.). *Baker encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids: Baker, 1988.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- FLAMION, J. *Les Actes apocryphes de l' apôtre André*. Louvais: Université de Louvain, 1911.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2001
- HORNSCHUH, M. The Acts of Andrew. In: HENNECKE, E. (org.). *New Testament Apocrypha*. London: SCM, 1974.
- JACOBS, Andrew S. A family affair: marriage, class and ethics in the Apocryphal Acts of the Apostles. *Journal of Early Christian Studies*, v. 7, n. 1, 1999, p. 105-138.

- JAMES, Montague Rodes. *The apocryphal New Testament being the apocryphal Gospels, Acts, Epistles and Apocalypses*. Oxford: Clarendon, 1924.
- KEENER, Craig. *The IVP Bible background commentary: New Testament*. 2. ed. Downers Grove: InterVarsity, 2014.
- KELLY, J. N. D. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- KNAPP, Robert. *Invisible romans: prostitutes, outlaws, slaves, gladiators, ordinary men and women ... the romans that history forgot*. London: Profile Books, 2011.
- LIDDELL, Henry George; SCOTT, George. *A Greek-English lexicon*. New York: American Book, 1897.
- PIÑERO, Antonio; DEL CERRO, Gonzalo. *Hechos apócrifos de los apóstoles: Hechos de Andrés, Juan y Pedro*. Madrid: BAC, 2004.
- QUISPTEL, Gilles. An unknown fragment of the Acts of Andrew. *Vigiliae Christianae*, v. 10, n. 3, 1956, p. 129-148.
- RODMAN, Rosamond C. Who's on third? Reading Acts of Andrew as a rhetoric of resistance. *Semeia*, n. 79., 1997, p. 27-43.
- RODRIGUES, Nuno Simões; FERREIRA, Luísa N. Tornar-se adulto na Antiguidade clássica: normas, práticas e representações. In: António Castro Fonseca (ed.). *Jovens adultos*. Coimbra: Almedina, 2014.
- WILDBERG, Christian. Neoplatonism. In: ZALTA, Edward N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. s.l.: 2016. Disponível em <http://plato.stanford.edu/entries/neoplatonism/>. Acesso em Outubro de 2016.
- WISEMAN, D. J. *et al.* (orgs.). *New Bible dictionary*. 3. ed.. Leicester: InterVarsity, 1996.

Submetido em: 25/05/2017

Aceito em: 26/06/2017